

CAXINAUAS

ou "farofas-fria"



os índios "farofas-fria".

Eles mudam o nome segundo o grau e a qualidade da exploração. Até o final do século passado, eram simplesmente Caxinauás, uma das mais numerosas e valentes tribos da família dos Panos que habitava o Vale dos Juruá. Depois, com a "corrida" da borracha e do caucho, passaram a ser chamados de "caboclos" ou "índios sujos, preguiçosos e cachaceiros". Nos últimos anos, com a entrada da agropecuária, a dominação no seu último estágio, sofisticaram-se de vez: já começam a ser denominados de "bóias-fria" ou num termo mais regional "farofas-fria".

Segundo dados de um relatório entregue recentemente à Funai pelo antropólogo Terri Valle de Aquino, existem ainda cerca de 860 índios Caxinauás distribuídos e dispersos nos rios Tarauacá, Murú, Humaitá, Breu e Tejo, todos localizados no Vale do Juruá. Desses 860, 90 caxinauás vivem na periferia da cidade de Tarauacá. Em seus roçados crescem a macaxeira, o milho, a banana, o amendoim, a graviola, o açaí. Vivem de uma minguada agricultura de subsistência voltada primordialmente para o consumo familiar e muito raramente vendem algum excedente na cidade. Na venda - contam

eles têm que enfrentar, além de tudo, a concorrência dos colonos brancos e "barranqueiros", numericamente superiores.

Queixam-se também de que as terras em que vivem já não lhes pertencem e sua permanência nelas assume sempre um caráter provisório e de insegurança. Dependem da vontade dos proprietários ou, para eles, usurpadores.

Para complementar sua economia doméstica, os caxinauás urbanos são forçados a trabalhar como "peões" para pequenos proprietários ou nos grandes desmatamentos dos "paulistas" (nome genérico dado aos investidores do Sul ou estrangeiros), que estão implantando a pecuária extensiva na região.

Na realidade, esses índios podem ser caracterizados mais como verdadeiros "bóias-fria" ou "farofas-fria" do que propriamente agricultores porque o "roçado" já não lhes garante o mínimo de sobrevivência e poder de troca. Por isso - diz o antropólogo Terri de Aquino - são obrigados a vender sua força de trabalho para satisfazer suas necessidades, aprofundando sua identificação ao estilo de vida do branco chamado de "cariu" (nome

dado pelos indígenas). Para ilustrar melhor a situação em que vivem esses 90 caxinauás, vale a pena ouvir o depoimento do chefe de uma família:

"Por aqui eu tenho serviço de banana, arroz, serviço de legume. Mas isso não dá prá botar o sal, a querosene, o fósforo, o peixe, a carne dentro da nossa casa.

Vivo trabalhando pros fazendeiro cariú da 'rua' e trabalho pros 'paulista' porque quéri é tirar saldo prá comprá panela, muda de roupa prá mulher e pros filhos, perfume, uma eletrola, um rádio...

Prá bota coisa de valor dentro de casa é preciso trabalhá em serviço de empeleitada.

Trabalho mais é pros 'paulista' da Cinco Estrela."

(Agropecuária Cinco Estrelas S.A. da Viação Aérea Cruzeiro do Sul).

Roupa, perfume, rádio, eletrola, "coisas de valor" são valores ou necessidades geradas pelo contato com a civilização.

CAFÉ ZAIRE

UM PRODUTO DE QUALIDADE

Atendemos pedidos para o Interior

R. 17 de Novembro - Fone: 2418 - 2º Distrito



A MARCA

"Não se é índio impunemente na Amazônia", diz Terri de Aquino ao lembrar a marca ideológica forjada nas relações sociais da empresa seringalista e, ultimamente, agropecuária. Para um observador atento - acrescenta - os inúmeros estereótipos ("ladrão", "preguiçoso" etc.) são usados indistintamente pelo branco, explorados e exploradores. Encontram suas origens no 'discurso' dos patrões, que os usam para reforçar a exploração da mão-de-obra indígena. Em seu relatório, o mesmo antropólogo reproduz o depoimento de um seringalista da região:

"Caboclo é uma nação de bicho preguiçoso, eles trazem o germe da preguiça com eles; eles vivem é pro 'baco-baco' do dia (cachaça). Passam dificuldade porque não gostam de trabalhar.

Só vivem de arribada e de passeio. Caboclo não tem ambição de melhorar a vida. Caboclo fica alegre só com garrafa de cachaça. Se prometemos cachaça eles até gostam de trabalhar prá gente".

A cachaça, porém, que saiu do "barracão" do patrão e as mais variadas formas de dominação da empresa seringalista não conseguiram, porém, anestesiar a consciência dos caxinauás. Um deles responde ao patrão "cariu":

"Patrão chama nós caboclo de preguiçoso porque é ele que empaia o trabalho do caboclo na seringa.

Ele chama nós prá botá roçado dele, prá fazê viagi prá ele, prá caçá prá ele.

Nóis não é preguiçoso como eles dizi.

Nóis vive aqui é só trabalhando pros patrão.

Patrão é qui ganha.

Eles são larapi. Eles roubu na mercadoria qui eles vendi no barracão tudo muito caro.

Eles também roubu no preço da borracha, roubu na balança, rouba na renda qui nós tem qui pagá prá ele. Nóis aqui paga 100 quilo de borracha prá vivê aqui nesta colocação, socados. Todo o seringueiro, cariú ou caboco, qui corta seringa tem qui pagá a renda de 100 quilo por parêlha de estrada de seringa. Ele só vivi cum p... de querê mandá nós s'imbora.

Nóis qué é mesmo um seringal prá nós vivê sossegados, nós qué terra prá nós vivê sem essa p.. de patrão".

RESERVAS

Botar roçado já não podem; cortar seringa está cada vez mais difícil; a terra roubaram há muito tempo. As chances de sobrevivência do indígena acreano praticamente se esgotaram. A não ser que recuperem um mínimo de condições para sobreviver. Este mínimo é basicamente um pedaço de terra, de mata ou mesmo um seringal, como reivindicava o índio caxinauá.

"A Funai - Fundação Nacional do Índio - estará dando um passo certo em direção a uma verdadeira política indigenista se enfrentar séria e corajosamente o problema da demarcação de áreas indígenas no Acre. Isto deve ser feito imediatamente, já; amanhã poderá ser tarde demais. Qualquer outra atuação, que não for dirigida nesta direção, redundará em mero e inconsequente assistencialismo". A recomendação é do antro-

pólogo Terri de Aquino que junto com um indigenista da própria Funai e um técnico do Incra percorreram, no primeiro semestre, a região do Vale do Juruá com objetivo de estudar e apontar possíveis locais para a demarcação de reservas indígenas. Fazem três meses que as propostas foram apresentadas.

O fato é que elas existem. Foram apresentadas duas propostas de reservas para os índios caxinauás, elaboradas em função de dados estatísticos e economicamente estratégicos. Foram escolhidas as áreas do rio Jordão e Humaitá por apresentarem maiores contingentes de índios na região. A percentagem de caxinauás na área do rio Humaitá chega a 17,98% do contingente total e a do Jordão apresenta nada menos do que 45,58%. Além disso o Jordão apresenta a vantagem de estar distante da cidade, já próximo à fronteira com o Peru. Oferece ainda a alternativa para a implantação de um projeto de comunidade apoiado na agricultura de subsistência e até na extração da borracha, atividades que os caxinauás conhecem a fundo por força de sua integração nos seringais como mão-de-obra disponível e barata. É claro que, desta vez, iriam 'botar roçado' e 'cortar seringa' a seu modo.

Mas a mais importante justificativa para a escolha dessas duas reservas nos lugares acima indicados é por estar baseada na opinião dos próprios índios. Durante a permanência dos indigenistas na região do rio Jordão foram realizadas duas reuniões com os caxinauás, os quais foram unânimes em sugerir o Jordão como a área mais adequada para a futura reserva. Os dos rios Tarauacá, Breu e Tejo estão inclusive dispostos a mudarem para o Jordão desde que a Funai garanta, de fato, a demarcação. Os que vivem ao longo do Murú sugeriram a região do Humaitá. Já os caxinauás urbanos ou "farofas-fria", que representam 10,51% da população recenseada, demonstraram menos disposição para retornar à vida de seringal. Temem que tenham que se sujeitar novamente ao velho esquema de dominação dos "patrões". No entanto, não se mostraram totalmente refratários à ideia de viver na reserva do Humaitá desde que a Funai também lhes ofereça reais garantias de viverem sossegados em suas terras, sem a interferência da empresa seringalista.

BARRACÃO

É verdade que a terra é tudo para os índios. Ou quase tudo. Demarcadas as reservas, haveria a necessidade de substituir os donos, mudar o "patrão-seringalista", a estrutura de produção do seringal e as relações sócio-econômicas a ele inerentes. Neste sentido, Terri de Aquino apresenta algumas sugestões que deveriam ser levadas em conta para o bom funcionamento das reservas indígenas.

Em primeiro lugar, para que esta substituição aconteça, é necessário considerar que o seringal funciona através do sistema do "barracão" ou aviamento. O patrão fornece aos seringueiros todo o necessário para a sua subsistência, como o sal, querosene, sabão, munição, açúcar, farinha, machado, terçado etc. Em troca dessas mercadorias, o seringueiro trabalha um mês e, no final deste período, é obrigado a entregar pelo menos duas "pelas" de borracha (uma média de 80 kg) no barracão do patrão, para conseguir novo aviamento.

Essa transação se repete o ano inteiro sem que apareça a mínima circulação de dinheiro vivo. São raros os seringueiros que conseguem saldo, no final do ano. O aviamento permite assim uma super exploração de mão-de-obra tanto dos seringueiros (os cariú) como dos índios. Além disso, existe a obrigação da "renda", ou seja, o seringueiro tem que pagar 35 kg. de borracha por

'estrada' que estiver explorando. Se estiver trabalhando com três 'estradas', por exemplo, é obrigado a ceder de graça 105 kg de borracha ao patrão.

Naturalmente que essas formas de exploração não persistiriam nas reservas indígenas a serem criadas. As relações de produção já não seriam as mesmas do mundo civilizado, embora os caxinauás teriam que se relacionar com ele.

MUDAR O PATRÃO

Terri de Aquino, em seu relatório enviado à Funai, apresenta algumas propostas para substituir a empresa seringalista dentro das futuras reservas:

1) Criação de um sistema de cooperativa para liquidar com o sistema do "barracão". Esta cooperativa seria dirigida pelos próprios caxinauás, sob a orientação inicial de um indigenista íntegro e conhecedor do funcionamento do seringal. Caberia à cooperativa, através de uma rede de cantinas espalhadas em áreas estratégicas dentro da reserva, garantir aos associados (aos índios) o fornecimento de mercadorias a preços mais baratos do "barracão" e comprar a borracha ao mesmo preço pago no comércio local. A implantação desse sistema de cooperativa para substituir a empresa seringalista não seria uma inovação. O antropólogo João de Oliveira, em 1975, apresentou esta mesma solução para o caso dos índios Tukunas, do Alto Solimões;

2) Uma vez legalizada a documentação das terras das reservas, os líderes ou uma comissão de caxinauás poderia conseguir financiamento junto ao Banco da Amazônia para competir em pé de igualdade com seus vizinhos, os brancos;

3) Como a Funai nunca atuou no Acre e os caxinauás estão, por forças das circunstâncias, profundamente engajados na empresa seringalista, tornar-se-ia necessário pensar numa nova forma de atuação dos chamados "chefes de postos" da Funai. Seria conveniente que esse funcionário tivesse a cidade de Tarauacá como base e se deslocasse sistematicamente pelos rios, criando assim um sistema de atendimento móvel à população das duas reservas. Esse funcionário deveria ser mais uma espécie de "relações públicas" das reservas, responsável pelos contatos externos, deixando às lideranças indígenas decidirem seu próprio destino, que o fazem muito bem quando não há interferência de fora;

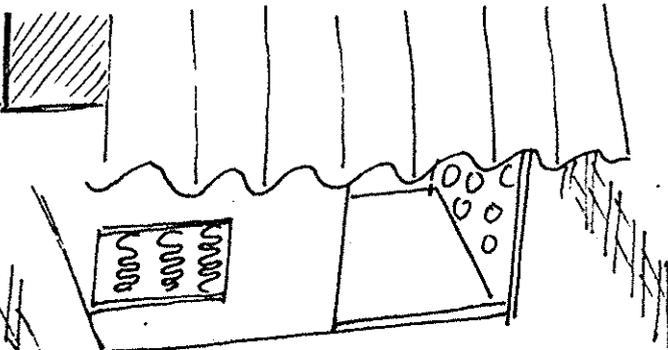
4) Uma vez estabelecidas as duas reservas, os índios poderiam receber assistência médica e escolar, se assim as desejarem. Atualmente quando adoecem vão se consultar no "barracão" ou porque já perderam sua 'medicina' própria ou porque não recebem assistência do Governo. Seria interessante que a Funai firmasse convênio com o Funrural, se fosse o caso.

Convém notar, finalmente, que não há favor algum em conceder um pedaço de terra aos índios. É um direito que eles têm. Os civilizados não estariam senão devolvendo o que lhes tiraram. Os índios têm consciência disso.

"Tenho trabalhado muito, muito tempo em seringal. Nunca botei nada de valor na minha casa. Os cabocos todo vive nú e cru nestes seringal dos Alto. Nóis vive é na pindaíba. Nóis trabaia é bem dizer de graça pros patrão. Quando nós adoce aqui, patrão não dá valor. Patrão só dá valor na produção, no trabalho da seringa.

Agora, comigo eu fico imaginando assim: queria qui soubessi do movimento qui os patrão fazi cum nós aqui, queria qui soubessi... A causa nossa é trabaia pro patrão, é sofrer..." (depoimento de um velho caxinauá).

Entre,
a casa
é sua!



O BNH
FINANCIA
E NÓS
CONSTRUIMOS

LOTEAMENTO JARDIM NAZLE

AEME IMOBILIÁRIA de Arnobio Marques e Cia

AV. GETULIO VARGAS, 635 - TEL 3557 - RIO BRANCO - ACRE